

## **AMANHÃ O CENTENARIO DE MONSENHOR QUINDERÉ**

A data de amanhã (1º de janeiro de 1982), assinala a decorrência do centenário de nascimento do monsenhor José Quinderé, vulto de grande destaque do clero cearense e escritor de reconhecidos méritos, admirado e querido por quantos partilhavam de sua amizade e, assim, tiveram condições de, privando de sua bondade, reconhecer-lhe as virtudes, a cultura, o brilho de sua inteligência privilegiada.

Filho de João Gualberto Quinderé e de Josefina Pinheiro Quinderé, monsenhor Quinderé nasceu em Maranguape e, segundo testemunhos de amigos e biógrafos, sempre demonstrou vocação para a vida sacerdotal. Tanto que, ainda adolescente, ingressou no Seminário Episcopal de Fortaleza, evidenciando, em todas as oportunidades, um total devotamento à Igreja e à sua formação cristã. Mereceu, por isso mesmo, o carinho e a estima do padre Júlio Simon, reitor do Seminário.

Merece destaque, portanto, o fato de que os seus estudos foram custeados pela então Madre Superiora do Colégio Imaculada Conceição, irmã Gagné, que admirava a sua inteligência e as suas virtudes. Ordenando-se em 1904, passou a trabalhar no Palácio Episcopal, até que, em 1910, foi nomeado professor de latim do Liceu do Ceará. Três anos depois, juntamente com os professores Misael Gomes e Climério Chaves, fundou o Colégio Cearense que, em 1916, passou a ser dirigido pelos irmãos maristas.

### **SENSO DE HUMOR**

Exerceu as funções de Secretário-Geral do Arcebispado de Fortaleza e foi precisamente nesse período que cresceu a sua popularidade. Particularmente, em virtude de sua espiri-

tuosidade e da maneira sempre alegre e brincalhona de encarar a vida. Estava sempre bem humorado e procurava transmitir otimismo com os repentes humorísticos que o tornaram famoso. Em 1920, foi distinguido com o título de Cônego, tornando-se Monsenhor em 1929. Exerceu o mandato de deputado estadual em duas legislaturas e foi Vice-Presidente da Assembléia. Suas atividades literárias começaram em 1939, quando escreveu um trabalho intitulado “Subsídio para a História Eclesiástica do Ceará”, inserido numa edição de “O Ceará”.

Monsenhor Quinderé, acima de tudo, em sua longa e proveitosa existência, foi um homem do povo, ao qual sempre procurou servir — e serviu bem, seja como parlamentar, seja como sacerdote, sem jamais regatear uma palavra de estímulo, de encorajamento moral e companheirismo àqueles que estivessem necessitando de ajuda, de confiança e de fé para enfrentar as duras caminhadas da existência.

Quando faleceu, no dia 26 de agosto de 1960 (uma sexta-feira), Monsenhor Quinderé já estava privado da visão há alguns anos e o seu passamento resultou de um insidioso câncer glanglionar. Foram suas últimas palavras: “A batalha está terminada. Encontrei o caminho do céu”. Morreu aos 78 anos, como sempre viveu: em paz com sua consciência e certo de entrar numa eternidade feliz.

O Governo do Estado decretou luto oficial por três dias e o corpo do ilustre desaparecido permaneceu em câmara ardente na Matriz do Carmo, de onde saiu o féretro para o Cemitério de São João Batista.

## LIVROS

Monsenhor José Quinderé publicou, além de “Subsídio Para a História Eclesiástica do Ceará”, o “Ano Litúrgico”, “Sinal Sensível”, (Editora Agir-Rio), “Palavra de Vida Eterna” (Editora Vozes, de Petrópolis), “A Mais Antiga Constituição” (Editora Beneditina, Salvador), “A Vida de D. Joaquim José Vieira — 2º Bispo do Ceará” (Editora Instituto do Ceará), “Vida de Santa Filomena” (Editora A. Batista Fontenele) e, finalmente, “Reminiscências”, este, sem dúvida, o seu trabalho mais conhecido e divulgado.

Na apresentação da obra, o autor explica-se, procurando demonstrar que jamais passou pela cabeça escrever suas memórias. Resistiu à tentação porque, na planície de sua vida, sem relevo e sem acidentes, como ele próprio diz, “não há nada a lembrar”. Entretanto, confessa, “nas longas horas de um ócio ocupado em nada fazer, alisando a cabeça e esfregando as mãos, como o fazem todos os cegos, meu pensamento, em vez de alar-se às alturas, penetrou as sombras do passado, indo encontrar na “arca da velha” coisas para despertar na lembrança dos antigos a saudade de um tempo bom que não voltou e da boa vida que viveram; e mostrar aos moços que a “desposada do Sol”, desativada, trajando simples, era muito mais feliz e encantadora do que a Fortaleza civilizada, vestida de seda, quase nua nos clubes e despida nas praias de banho”.

As reminiscências, como não podia deixar de acontecer, são pedaços e passagens da vida de monsenhor Quinderé, envolvendo inclusive à sua infância. Ao longo das estórias e dos casos que conta, sempre numa linguagem incomum — escorregada, de frases bem construídas e harmônicas, pendendo para o poético — descortinam-se recantos e cidades do interior, seus costumes e suas tradições, não faltando valiosos testemunhos sobre Fortaleza, que ele tanto conheceu e amou.

Monsenhor Quinderé, um grande homem, um pastor exemplar, foi, do mesmo modo, um escritor exuberante, um notável criador de paisagens, utilizando uma linguagem comunicativa, tornando fácil, alegre e atraente o relacionamento entre as pessoas.

(Transcrito de “O Povo”, Fortaleza, 31-dezembro-1981.)